

124 // Trip

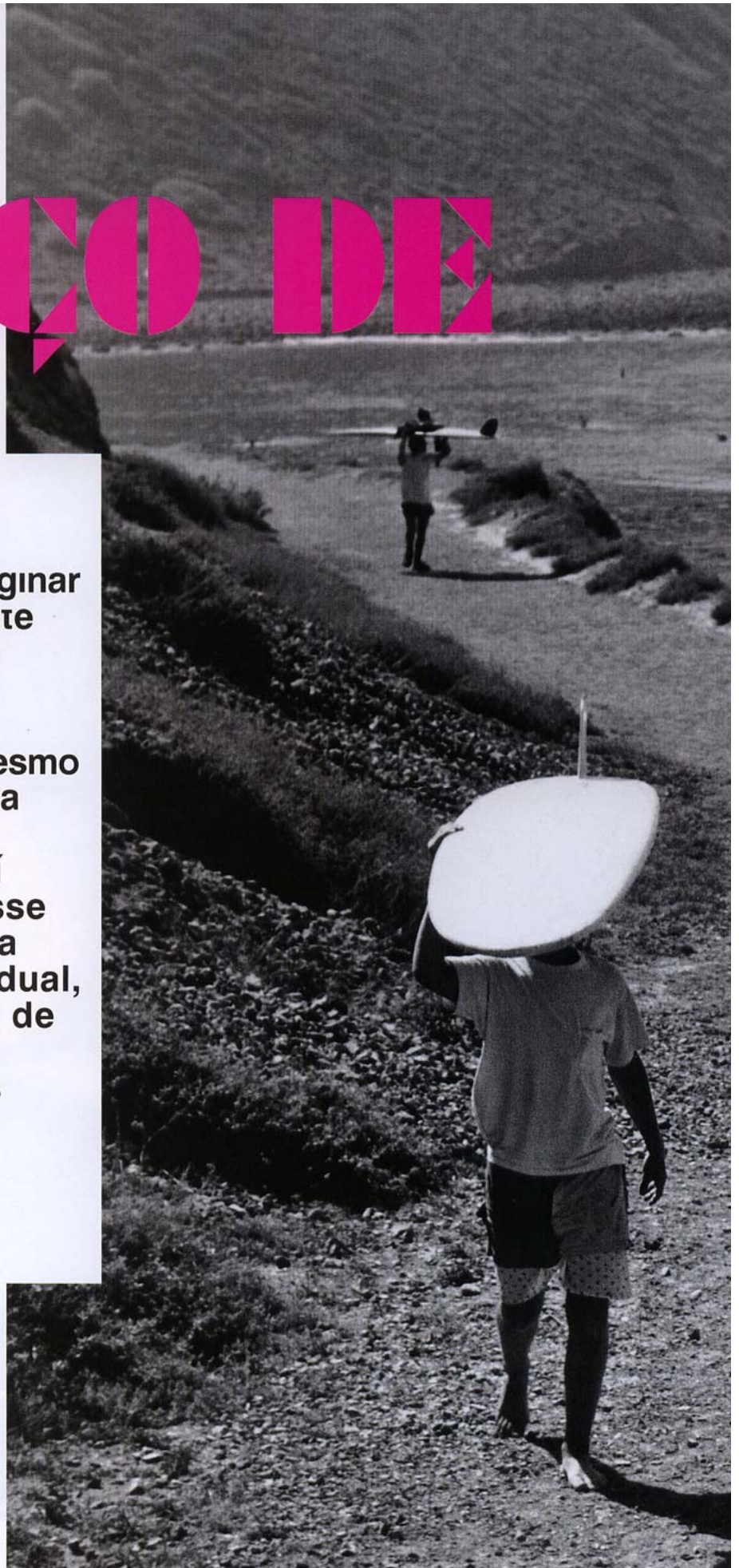
BEIRCO DE

Partindo da simples observação destas fotografias de LeRoy Grannis, pode-se imaginar que surf é um esporte coletivo. Ele registra grupos numerosos, surfistas ao lado de suas pranchas, ou mesmo vários descendo uma onda juntos. Talvez esteja exatamente aí uma das magias desse esporte: embora seja uma atividade individual, ela é magnetizadora de relacionamentos e amizades duradouras

POR PAULO LIMA

FOTOS LEROY GRANNIS*

*Surf Photography of the 1960s and 1970s (Taschen)





Muito papel e tinta já foram gastos para ensaiar pensatas sobre os fundamentos que elevariam o surf da mera condição de esporte belo e instigante à categoria de estilo de vida, filosofia ou coisa semelhante. Umas mais outras menos inspiradas, todas sempre se esforçaram para encontrar no mundo concreto das idéias explicação para aquilo que até o mais modesto aprendiz registra imediatamente em seu cérebro, coração ou alma, estejam onde estiverem localizados os receptores da felicidade humana.

Fala-se em conexão com o universo, na lida definitiva com os próprios medos, carências, angústias e imperfeições, menciona-se a tomada de consciência imediata que esse esporte produz em seus praticantes, seja o sujeito que toma coragem e se inscreve numa escolinha despreziosa, seja aquele capaz de domar as esquerdas letais de Teahupoo. Tanto um como outro se expõem a uma espécie de choque de realidade multissensorial, se dão conta de sua fragilidade, de sua impermanência, de sua insignificância diante das forças da natureza. Ou, diriam os mais positivos, se dão conta de sua magnífica habilidade para suplantar todas essas dificuldades e durezas, para produzir um improvável balé sobre as águas, capaz de colocar em alinhamento forças que não pareciam conciliáveis e produzir uma das mais belas formas de expressão humana de que se tem notícias, capaz de cativar, com a mesma intensidade, um caixara da Nova Zelândia ou a diva fashion Diane Vreeland, de seduzir a filha de Fernando Gabeira ou a filha dos hotéis Hilton com nome de capital européia.

LeRoy Grannis pode não ter percebido nada disso, ou pode ter percebido absolutamente tudo isso. E mais, dispensou as tentativas de explicar o fenômeno através de palavras e pôs-se a registrá-lo.

Acima, Grannis se joga com as lentes no mar de Pipeline, 1970. Na página ao lado, o pioneiro surf club de San Onofre, na Califórnia, 1963



O californiano começou a surfar aos 14 anos, numa prancha de madeira de quase 50 quilos feita por ele mesmo, no início dos anos 30, mas só começou a tirar fotografia de sua paixão três décadas depois. LeRoy foi para trás da câmera para valer em 1959, depois de seu médico ter diagnosticado uma úlcera por stress no seu estômago. Influenciado por seu amigo e pioneiro da fotografia de surf John "Doc" Ball, partiu para o mundo da película para relaxar a cabeça e aliviar o ventre. Desde então, documentou absolutamente tudo o que pôde, apontando sua lente para o mar e depois voltando-a para a terra. Melhor, neste caso, para a areia. As pranchas, os carros, as garotas, as lojas, as roupas, poucas coisas escaparam do seu olhar curioso e ao mesmo tempo preocupado com certa estética americana...sem desalinho com o way of life que tanto se queria vender por aquelas bandas nos primeiros tempos do século passado.

**LEROY GRANNIS DISPENSOU AS TENTATIVAS DE
EXPLICAR O FENÔMENO ATRAVÉS DE PALAVRAS
E PÔS-SE A REGISTRÁ-LO**



1962, em Makaha, Havai,
a patota de mr. Grannis
faz hora no intervalo do
Makaha Championship

Se há algo a lamentar sobre o incrível trabalho desse fotógrafo é o fato de que, a julgar pela seleção recentemente organizada pela notável editora de maravilhas conhecida por Taschen, ao contrário de algumas poucas exceções entre seus contemporâneos e conterrâneos, LeRoy pouco ou nada saiu do campo focal de seu próprio entorno. A Califórnia era seu território, como se ali estivesse todo o planeta surf. Talvez de alguma forma até estivesse, mas se Duke Kahanamoku, o maior embaixador desse esporte em todos os tempos, conseguiu percorrer lugares então distantes e difíceis de atingir como a Austrália, para citar apenas um, a obra de LeRoy teria hoje ainda mais importância e significado. Mesmo assim, é absolutamente encantadora a compilação de suas décadas de trabalho. Em forma de um livro de luxo de 276 páginas vendido, por exemplo, na loja-conceito da editora na sede do charme parisiense de Saint Germain, ou ainda em versões mais acessíveis como o calendário de parede com 12 imagens ampliadas, ou o simpático modelo de mesa com nada menos que 365 fotos (uma para cada dia do ano), o olhar de LeRoy, para o início da chamada cultura surf, ou beach cul-



2007 NOVEMBER
 NOVEMBER NOVEMBRE NOVEMBRE NOVEMBRE
 NOVEMBRE NOVEMBER NOVEMBER 11月



Monday Monday Lundi Lundi Lunedi Seguidas fest Monday	Tuesday Tuesday Mardi Mardi Martedi Terça-feira Tuesday	Wednesday Mittwoch Mittwoch Miércoles Miércoles Quarta-feira Quarta-feira	Thursday Donnerstag Jeudi Jueves Giovedì Quarta-feira Donnerstag	Friday Freitag Samstag Viernes Sabado Sexta-feira Freitag	Saturday Samstag Samstag Sabato Sabado Sabado Sabato	Sunday Sonntag Sonntage Domingo Domingo Domingo Domingo
1	2	3	4			

A CALIFÓRNIA ERA SEU TERRITÓRIO, COMO SE ALI ESTIVESSE TODO O PLANETA SURF

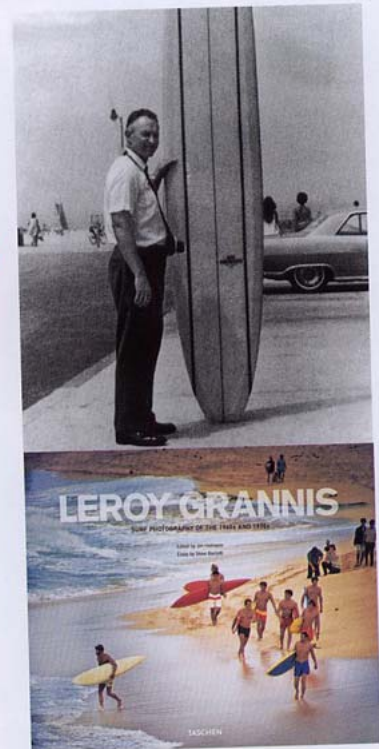
ture para quem preferir, consegue, através das belas imagens colhidas no continente e nas ilhas havaianas, capturar algo daquilo que as palavras, por mais bem agrupadas e escolhidas, muitas vezes deixam escapar.

Quem conhece pouco sobre o esporte pode, partindo da simples observação dessas fotografias, imaginar que se trata de um esporte coletivo. É que, ao longo das fotos de LeRoy, há poucas que registram um surfista solitário. Ao contrário, em dezenas delas, aparecem turmas, grupos numerosos, cinco ou seis surfistas ao lado de suas pranchas, ou mesmo vários deles remando ou descendo uma onda juntos.

Talvez esteja exatamente aí uma das magias desse esporte, filosofia de vida, lifestyle, ou seja lá o que isso for. Uma atividade absolutamente individual, que requer apenas o interessado e seu equipamento, além do oceano, é, ao mesmo tempo, uma das mais fortes e intensas magnetizadoras de amizades e relacionamentos extensos e duradouros, nas comunidades que têm o privilégio de desfrutar dela.

Sim, para surfar, em tese, você só precisa de uma prancha e do mar, mas para surfar de verdade, para entender do que estamos falando, será necessário o outro. O camarada com quem você vai desvendar os primeiros mistérios do esporte e do mar, os amigos com quem vai viajar procurando o desconhecido, ou que vão lhe dar confiança para estender os próprios limites e superá-los. As amizades forjadas na água salgada tendem a durar muito, a superar diferenças de todos os tipos e distâncias, não só as físicas.

Talvez esteja em alguma dessas fotos a explicação para a tal mágica.
 Talvez não...



Capa do livro *Era de Ouro do Surf*, de LeRoy Grannis; acima, o autor e seus instrumentos de trabalho; e página do calendário lançado com as históricas imagens